



“Passos e espaços da alegria”

«O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração»

(Mensagem do Concílio aos artistas em 8 de Dezembro de 1965)

Viagens pela história da Diocese do Porto

Objectivos:

- **Conhecer as nossas raízes nas obras e vidas daqueles que se entregaram a Cristo** e deste modo contribuíram para o progresso humano;
- **Contactar, conhecer e contemplar a beleza** das obras de arte que ao longo dos séculos geraram a concepção cristã da vida;
- **Sensibilizar para a importância do Património Histórico-Cultural da Igreja.** E aprender não apenas a ver na arte, «pedras», «talhas» e «estilos», mas a perceber o sentido que lhes deu forma. Várias gerações quiseram oferecer a Deus o melhor daquilo que o homem é capaz de criar. A arte Sacra conjuga a criatividade Humana e a devoção religiosa. Descobrir que o esplendor da arte é também expressão de fé na beleza de Deus;
- **Perceber as finalidades do Património da Igreja:**
 - As Igrejas foram pensadas como lugar de culto, espaço celebrativo. E não como museu. Destinavam-se mais à glória de Deus, do que ao gozo dos homens.
 - As imagens, pinturas, decorações, representam uma espécie de catequese "visual"; na era da «imagem» aí está um recurso, a não desconsiderar na educação da fé;
 - O Património preserva e transmite uma memória histórica. Há uma mensagem inscrita nos altares, nas imagens, nas devoções.
 - O Património manifesta a identidade de uma comunidade (testemunho de fé e de valores, história e tradições, vida económica e social).
- **Aprender a entrar e a estar numa Igreja, reconhecendo a sacralidade do espaço.**

Conclusão: O Património cultural só o é na medida em que cada geração participa na fruição da herança que ele constitui...

Meios:

Sob a forma de uma Visita de estudo, que consistirá numa ou várias viagens pela geografia e história da Diocese do Porto, alunos e professores das Escolas Católicas e da disciplina de EMRC serão desafiados a conhecer e a recriar-se na rica e imensa tradição cultural de que são herdeiros, visitando algumas igrejas que se distingam pelo seu património artístico e religioso. Ao serem introduzidos no itinerário da vida de fé dessas comunidades revisitando, a partir da arte e da história, e reconhecendo o grande movimento do cristianismo que nasceu da ressurreição do Senhor, e que chegou até nós, o compreendam como provocação e inspiração ideal para continuarem hoje, a tecer uma cultura, um modo de ser e de viver que torne mais humana a vida e nos aproxime mais de Deus.



A palavra «Igreja» pode significar a "família dos cristãos", de que cada um dos membros faz parte, como "pedra viva" do Templo do Senhor. Mas a palavra «igreja» também se refere ao edifício onde se reúnem os cristãos, para rezar e celebrar a sua fé. Há ainda quem use a palavra «Igreja» como referência à hierarquia...

Os primeiros lugares de reunião dos cristãos

Os cristãos sempre precisaram de lugares para se reunir. Onde o faziam eles nos primeiros tempos? Onde se juntavam para celebrar a sua fé? Já teriam igrejas? Sabemos que não. Os primeiros lugares onde os cristãos se reuniram foram as casas de alguns deles, aquelas em que cabiam todos os batizados dessa terra. Os donos dessas casas, em geral muito simples e pequenas, punham-nas à disposição do grupo dos cristãos dessa terra, ao qual eles próprios pertenciam. Nós sabemos que era assim, porque está escrito na Bíblia. Por exemplo, os *Actos dos Apóstolos* falam-nos disso. Quando os Apóstolos voltaram de Jerusalém, depois de Jesus ter subido ao Céu, foram todos para o primeiro andar de uma casa onde costumavam reunir-se (Act. 1, 12-14); no dia em que Pedro foi libertado da prisão por um anjo, os cristãos estavam a rezar em casa de uma mulher chamada Maria, mãe de João Marcos (Act. 12, 12-17).

Donde vem o costume de chamar Igreja à casa de oração dos cristãos?

Esta situação de os cristãos não possuírem edifícios próprios para as suas reuniões e terem de as fazer nas casas uns dos outros, durou todo o tempo em que era proibido ser cristão, ou seja, até ao fim das perseguições romanas.

Quando, finalmente, o Imperador Constantino, no ano 313 da nossa era, deixou de perseguir os cristãos e ele próprio se converteu e pediu o Baptismo, os discípulos de Jesus, começaram a poder construir as primeiras casas destinadas apenas às suas reuniões e celebrações. E como era sempre aí que eles se juntavam uns com os outros, nos domingos e noutros dias de semana, passaram a chamar a essas casas «igrejas».

Compreendemos agora que o verdadeiro nome de cada igreja deveria ser «casa da Igreja» de tal terra. A igreja paroquial de uma terra determinada é a «casa da Igreja», isto é, do grupo dos cristãos dessa terra.

Vamos, perceber, o sentido e finalidade que têm estes edifícios a que chamamos Igreja:

1. Um espaço aberto pela Ressurreição de Jesus!

A igreja material, onde entramos para participar na liturgia eterna é, sem dúvida, um espaço do nosso mundo, mas a sua novidade está em ser um espaço aberto pela Ressurreição.

2. Um espaço para a celebração dos mistérios de Cristo!

É aí que celebramos a liturgia, realizando o mistério do Corpo de Cristo. Ora o lugar da celebração é o lugar onde se cumpre a promessa da morada, onde Cristo satisfaz a expectativa dos homens: neste espaço sacramental é-nos aberta a Casa do Pai.

3. Em que sentido a Igreja não é a «casa de Deus»?

A Igreja não é a «casa de Deus», no sentido de ser um espaço onde Deus esteja «preso» mas sim um espaço onde Deus vem ao nosso encontro. Onde a nossa vida se faz oração. Onde a nossa oferenda é aceite e transformada. Assim a Igreja não é um lugar sagrado no sentido das casas de culto, construídas pelas outras religiões e até pelos pagãos, à procura da divindade. O espaço das nossas Igrejas é aberto ao Senhor que vem, lugar da invocação do Espírito Santo e da transformação de toda a oferenda no Corpo do Senhor.

4. A Igreja é a nossa Casa para Deus ou a Casa de Deus para nós?

Todo o ser humano leva consigo o sonho de uma casa. Quando construímos uma Igreja trazemos em nós este desejo de uma casa, para Ele e para nós. A casa humaniza o espaço, torna-o habitável, personaliza-o até ao ponto das arquiteturas das primeiras habitações ter a forma do corpo humano. Em Cristo, o Pai realiza esta maravilha, para além de qualquer expectativa: somos nós que nos tornamos a sua morada, tomando a forma do Corpo do seu Filho. Esta configuração é visivelmente significada nas igrejas em forma de cruz: quando o povo de Deus aí se reúne, toma a forma de Cristo Crucificado, vencedor da morte.

5. Uma casa aberta a todos mesmo aos que ali não estão.

O espaço sacramental de uma Igreja leva em si uma expectativa totalmente nova. Para lá da assembleia que celebra, ele está aberto a todos os que ali não estão e ainda ignoram que o Corpo de Cristo é a sua verdadeira morada. Sinal do Pai que espera, do Espírito que chama e do Filho que se oferece como dom gratuito, de partilha, de alegria e paz.



GUIAR UMA VISITA A UMA IGREJA, IMPLICARIA, DO PONTO DE VISTA PRÁTICO:

1. Contactar o pároco, o reitor e outros serviços da Igreja, no sentido de acolher e, se possível, acompanhar a visita;

2. Preparar um pequenino guião.

Não faltam recursos na Net e em várias publicações;

3. Diferenciar o espaço exterior ou profano, do espaço interior ou sagrado.

Deste modo, antes de entrar na Igreja, os "visitantes" *devem* ser advertidos da natureza religiosa e sagrada do espaço onde *vão* entrar. Nada de "chicklets", nada de bebidas, nada de "chapéus" na cabeça, nada de "falar alto", nada de "telemóveis" a tocar, nada de "tudo a monte", nada de desordem. A Igreja não é um ginásio, nem uma sala de aula, nem uma esplanada de um café. Mas também não é um "museu".

4. Entrar pela porta principal

Uma Igreja tem a porta principal e pode ter portas laterais. Nós *vamos* entrar pela porta principal. Se ela estiver fechada, começamos por abri-la. Quem guarda a *chave* da igreja é o Senhor Padre, ou o sacristão, ou ainda algumas das pessoas que têm a responsabilidade de arranjar a igreja.

5. Aproveitar a «pedagogia» ao «guarda-vento»

Se a Igreja tiver um "guarda-vento", fazê-lo sentir e perceber como espaço intermédio, de preparação para entrar num espaço sagrado. Reforçar aí a importância da ordem e do silêncio e do respeito na entrada. Muitas igrejas, logo a seguir à porta da entrada, têm um **pequeno átrio**, isto é, um espaço *vazio*. Isso quer dizer que quem vem de fora não entra logo na igreja. É ainda de salientar o espaço envolvente à Igreja e que constitui o **adro** com a sua função socializadora. Um espaço de encontro, de diálogo e de convívio.

Quando o átrio é depois da porta principal, existe um **guarda-vento**, que faz mais do que guardar o *vento*, porque também guarda do frio, do barulho da rua, e *evita* que os cãesinhos que acompanham os donos entrem na igreja, que não é lugar para eles.

Quando a igreja tem guarda-vento, é nele que está a porta ou as portas pelas quais se entra directamente na igreja.

6. Ao entrar na Igreja, atender a alguns lugares de grande importância, logo no primeiro percurso:

6.1. A Capela ou lugar do Santíssimo (sacrário, tabernáculo, **sempre** assinalado com uma «**luz**») onde se pode e *deve* rezar (pessoalmente ou em grupo). *Deve* genuflectir ao passar diante do Santíssimo... Numa visita guiada, por um professor de EMRC, é «um erro de palmatória», entrar numa Igreja e passar diante do Santíssimo, sem um sinal e uma palavra de adoração e de presença.

Nos primeiros tempos da Igreja, o pão consagrado para as pessoas muito doentes poderem comungar antes de morrer, guardava-se numa caixa fechada, na Sacristia. Depois *veio* outro tempo em que, em cada igreja paroquial havia sempre uma capela do Santíssimo Sacramento. Era aí que, depois da missa, se guardava o pão consagrado, num cofre, que se chama sacrário **ou tabernáculo**. Mais tarde o sacrário começou a pôr-se no presbitério. É assim que continua a fazer-se em muitas igrejas. Mas está mandado que, nas igrejas *novas*, haja uma capela do Santíssimo, que também serve para aí se rezar em silêncio, quando se entra na igreja ou noutros momentos.

6.2 Chamar a atenção para os espaços da Assembleia, como lugar da manifestação do Corpo de Cristo, que é a Igreja: «onde dois ou três se reunirem em Meu nome, eu estarei no meio deles» ...

Vamos então ao interior da igreja. Antes de avançar olhemos com atenção. Estamos **na parte mais ampla da igreja**. É um grande salão, não é? Chama-se *lugar dos fiéis*, porque é aí que os fiéis estão durante a missa; também se chama *nave*, porque, pelo seu feitio e altura, parece um grande navio ou uma grande nave. Esta parte pode ter várias formas: pode ser rectangular, quadrada, ou em semicírculo. Quase todas as igrejas têm uma só nave. Mas algumas têm mais do que uma. Normalmente, a nave tem bancos ou cadeiras para os fiéis. Quase sempre há capelas laterais ao longo da nave, mas pode não haver.

6.3 Atenção aos espaços do presbitério, que marcam de modo plástico e visível algumas modalidades da presença de Cristo:

Passemos agora da nave da igreja para a outra parte, mais pequena, onde está o altar. Chama-se a esta segunda parte da igreja **o presbitério**. Esta palavra vem de *presbítero*, que é outro nome que se dá aos senhores padres. Então quer dizer que assim como a nave é o lugar dos fiéis, assim o presbitério é o lugar dos presbíteros e de todos os ministros litúrgicos. Primeiro que tudo reparem que subimos um, dois ou mais degraus para chegarmos a esta parte, o que quer dizer que ela está em plano superior à nave dos fiéis. É como num teatro, onde o palco também está acima da plateia. Para quê? Para se ver bem o que aí se passa. Na igreja é a mesma coisa. Para se ver bem o que aí se faz, o presbitério está em plano superior à nave.

Que sinais importantes nos falam no presbitério?

Altar: aponta para a presença real de Jesus na Eucaristia, nos dons do pão e do vinho; perceber que o altar é o centro da celebração. Lugar do Banquete Eucarístico. Este banquete não se realiza numa «mesa» qualquer. Pois trata-se do banquete «sagrado» no qual a Igreja oferece o sacrifício pascal de Jesus.

Sede (cadeira): aponta para a presença de Cristo, «Cabeça da Igreja», na pessoa do Presidente da Celebração. A «Cadeira» distingue a função;

Ambão: Sempre que se proclama a Palavra, é Cristo que fala ao seu Povo... Se existir o antigo «púlpito» fazer perceber a importância dada à Palavra;

A Cruz: Impõe-se aqui um sinal de reverência: inclinação de corpo e/ou cabeça; ajudar a diferenciar os gestos. Não se «ajoelha» diante da Cruz...mas ajoelha-se diante da «presença real» de Cristo na Eucaristia.

6.4. Atender ao Baptistério, lugar da celebração do Baptismo.

Todas as igrejas paroquiais têm um lugar próprio, para fazer os baptismos. Chama-se a esse lugar baptistério ou *capela baptismal*. É dentro dessa capela que está a *pia baptismal*. As pias baptismais podem ter muitos feitios: redondas, quadradas ou poligonais. Algumas são divididas ao meio, para de um lado estar a água limpa que se utiliza no baptismo, e no outro a água que se deitou na cabeça dos baptizados, tanto crianças como adultos. Outras não são divididas: têm apenas um espaço amplo interior, onde uma criança pode ser baptizada por imersão. No princípio não havia pias baptismais, mas verdadeiras piscinas, onde toda a gente era baptizada dentro da água.

Nem todas as Igrejas têm baptistério. O baptistério define a «matriz» de uma Igreja; aparece muitas vezes na entrada da Igreja, referindo o «Baptismo como porta de entrada na vida da comunidade»...

6.5. Chamar a atenção para algumas particularidades:

6.5.1 - O Coro:

" O lugar destinado aos fiéis e ao coro deve ser de modo a tornar mais fácil a sua participação activa (da Assembleia reunida)".

"Tanto quanto a estrutura da igreja o permita, ao coro (grupo coral) deve destinar-se um lugar que manifeste claramente a sua natureza, como parte da assembleia dos fiéis, e a função peculiar que lhe está reservada; que facilite o desempenho dessa sua função, e que comodamente a todos os seus componentes uma participação sacramental plena na Missa" (Introdução Geral ao Missal Romano)

6.5.2 - Ver os altares, perceber estilos diversos, devoções da terra, devoções de um determinado tempo. É importante relacionar a peça, conjugando as diversas dimensões: **história, arte, fé.**

6.6. Há outros espaços da Igreja, que podem merecer atenção, a Torre e a Sacristia.

a) Cada Igreja, costuma ter uma torre, sempre mais alta que a própria igreja. A torre indica onde está a igreja. Quando nos aproximamos duma cidade, as torres das igrejas chamam-nos a atenção, e desafiam-nos a pensar em Deus. Nas torres estão colocados os sinos. Estes servem para lembrar aos cristãos os acontecimentos principais da vida da comunidade. Tocam-se para a Missa, para as festas, e quando há baptismos, casamentos, funerais, etc. Também servem para o relógio bater as horas. E nalgumas terras, os sinos são utilizados para dar a toda a população sinais importantes. Tocados de certa maneira eles avisa as pessoas de que há incêndio, ou então de que chegou à terra quem se esperava.

7. Antes de sair; saber agradecer a quem nos recebeu. E só depois sair, com a mesma dignidade com que se entrou; em silêncio, respeitosamente.

Semana da Disciplina – 22 a 26 de Março de 2010



Com a **EMRC...** **E**ncontro um **M**eio de **R**eler a **C**ultura

5

A Semana da Disciplina há-de constituir uma oportunidade para afirmar o contributo da EMRC na valorização do meio escolar.

Partindo do conhecimento crítico da cultura actual, importa (re)valorizar a nossa identidade, promovendo o sentido cristão no compromisso com a Vida.

O desconhecimento do património cristão constitui um deficit para uma recta compreensão e leitura critica não só da nossa história e da nossa herança cultural, mas também das imagens e mensagens veiculadas, aqui e agora, pela nossa cultura actual, com os seus novos meios e métodos e com as suas novas roupagens e linguagens.

A proposta consiste em fazer um levantamento e uma apreciação crítica dos vestígios do património cultural cristão, latentes e patentes nos meios de comunicação social e em várias expressões culturais, tais como:

- o cinema, com a produção de filmes, cujo imaginário, tantas vezes, não passa de uma apropriação de símbolos, valores e mensagens cristãs. O caso do filme "Crónicas de Nárnia" é disso um bom exemplo.
- a música, com as suas mensagens, veladas ou explícitas, inspiradas em textos cristãos;
- a literatura/ artigos e publicidade impressa em revistas e jornais, com as suas novas publicações, algumas das quais vivem de imagens, figuras e títulos, continuamente rebuscados da Bíblia e da Tradição cristã;
- a publicidade televisiva, com sugestivas imagens e anúncios, onde os elementos religiosos cristãos aparecem constantemente como estímulo;
- o mundo do futebol, com todo o seu fervor, as suas liturgias, os seus deuses e catedrais e suas romagens aos estádios;
- o ciberespaço...

Em qualquer destes âmbitos, seja simplesmente nos títulos, nas intenções ou nos conteúdos, é possível adivinhar o recurso a imagens, símbolos, frases, ideias, histórias, que encontram a sua raiz na Bíblia e na Tradição cristã.

Poder-se-iam, por isso, constituir grupos de recolha de materiais sobre alguma destas áreas e torná-las públicas na Escola, de modo a fazer compreender o contributo da disciplina para uma leitura crítica e global da actualidade, onde a linguagem religiosa resiste, persiste e pervive, para lá do limite de validade que muitos lhe quiseram dar. Poderíamos dizer que o cristianismo continua presente na sociedade secularizada, numa espécie de “currículo oculto” não descartável.

A partir do início de Março, cada comunidade escolar optará pela melhor estratégia planificação e recolha de materiais. Durante a Semana da Disciplina, cada escola encontrará a melhor atitude de divulgação, partilha e debate das suas conclusões. Sugerimos:

- exposições; intervenção nos meios de comunicação social locais; realização de filmes; construção de PPs e/ou Blogs...

Destes desafios deverá brotar uma Confiança capaz de ultrapassar medos e de contagiar na Alegria e na Esperança todos os que buscam uma vida com sentido.

Anexos a procurar no www.emrcporto.com :

Guião de leitura do filme: “As crónicas de Nárnia”;

Canção “The prayer”- Andrea Bocelli e Céline Dion;

Power Point: “Futebol e Religião”;

Top 10: Os melhores filmes do ponto de vista espiritual.